

MUDANÇAS NA COMPOSIÇÃO DA ÁREA CULTIVADA NO ESTADO DE SÃO PAULO E SUAS REGIÕES AGRÍCOLAS, 1970/72 a 1987/89(1)

José Sidnei Gonçalves(2)
Irene Roque de Oliveira(3)
Nelson Batista Martin(4)
Sueli Alves Moreira Souza(5)

1 - INTRODUÇÃO

A agricultura paulista sofreu profundas transformações no período posterior a 1970. Isso se deu em função do intenso processo de urbanização iniciado em décadas anteriores, associado à uma crescente abertura da economia nacional para o mercado externo, internacionalização de setores da produção interna e à implantação de um forte complexo agroindustrial produtor de insumos e de transformação de matérias-primas agropecuárias. No conjunto esses acontecimentos viabilizaram uma ampla diversificação de atividades, procurando atender à crescente demanda interna e externa.

Os efeitos das políticas públicas na consolidação do complexo rural paulista deve ser realçados, sendo que elas produziram alterações importantes na dinâmica das culturas, que responderam de forma diferenciada aos estímulos dirigidos. Nesse contexto existem atividades que apresentaram expansão e outras que sofreram retração, bem como o comportamento regional também não foi homogêneo. Essa diferenciação de desempenho entre culturas e

regiões é fruto de um processo de diversificação onde pesou de forma decisiva vantagens locais referentes do tipo de clima e solo, além das características da economia de cada região.

Portanto, é de grande relevância conhecer quais os efeitos dessa ação em cada cultura e qual a dinâmica que se implantou em cada região no seu todo. O objetivo deste trabalho é cotejar o perfil da agricultura paulista no último triênio da década de oitenta, tanto na ótica das culturas como das regiões, com o que caracterizou o primeiro triênio da década de setenta. Basicamente a análise será procedida em função da participação de cada atividade na área cultivada.

2 - A FONTE E O TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados básicos utilizados são provenientes das previsões e estimativas de safras realizadas pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) para o período 1970-89, utilizando-se dos levantamentos finais e quando

(1) Recebido em 28/11/1990. Liberado para publicação em 28/12/1990.

(2) Engenheiro Agrônomo do Instituto de Economia Agrícola (IEA)

(3) Analista-Programadora da Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa Agropecuária (FUNDEPAG)

(4) Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA)

(5) Chefe de Seção Técnica do Instituto de Economia Agrícola (IEA)

estes não contemplavam dados a nível regional usou-se informações do levantamento subjetivo. O critério de regionalização utilizado é o oficial que prevaleceu na Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA) no período 1974-85. As mais expressivas diferenças entre a regionalização empregada e a atual da SAA dizem respeito às regiões agrícolas de Registro, Campinas, Sorocaba e São José dos Campos. Essa denominação e a própria abrangência, vigentes atualmente, são distintas das que vigoraram no período 1974-85. A atual região de Registro e apenas uma parte da antiga região de São Paulo (Litoral Paulista) que na estrutura atual perdeu sub-regiões inteiras como a de Moji das Cruzes para a de São José dos Campos (antiga Vale do Paraíba), de Bragança Paulista e São Paulo para a de Campinas além de trocar municípios com a de Sorocaba. Daí a importância das culturas de batata, uva, limão e tangerina, na antiga região do Litoral Paulista (DIRA São Paulo) na estrutura de dados utilizados, o que não ocorre na restrita região atual de Registro. Isso decorre do fato que várias alterações se processaram na abrangência das regiões em vários períodos. Para que fosse permitida a comparação no decorrer do tempo, recompôs-se a estrutura de regionalização do período 1974-85 para os demais anos, a partir da desagregação, até o nível dos municípios, para aqueles que mudaram de classificação regional. Para todas as culturas foram utilizadas as áreas plantadas, incluindo portanto no caso das perenes e semi-perenes as áreas em formação.

De posse dos dados sistematizados a nível regional por cultura, construiu-se médias trienais para 1970/72 e 1987/89 envolvendo as 26 culturas consideradas. Em cada triênio obteve-se a participação tanto da cultura na área agrícola da região como da área regional na área estadual da atividade. Cotejando os perfis encontrados para os triênios considerados são tecidas considerações sobre a

amplitude e importância das mudanças ocorridas.

3 - ALTERAÇÕES NO PERFIL DA AGRICULTURA DAS REGIÕES

A análise apresentada para cada região terá dois ângulos que representam as duas faces com que se pode analisar a questão. De uma ótica será vista a participação das principais culturas em extensão de área no total da área agrícola das regiões. Esse enfoque pode não contemplar culturas importantes na economia regional pelo uso mais intensivo do solo, como seria o caso do chá no Litoral Paulista que apesar de ter uma participação relativa pequena em área é um dos principais produtos da economia local. Para superar essa limitação analisa-se também dentro da ótica da participação da área da região na área cultivada com a cultura no Estado.

3.1 - DIRA do Litoral Paulista

A DIRA do Litoral Paulista abrange a zona metropolitana da capital, o Vale do Ribeira e a região litorânea. Em 1970/72 era ocupada em mais da metade de sua área agrícola por pastagens (64%) e em termos de expressão em área destacavam-se o reflorestamento (12,17%), o milho (6,18%), a banana (6,03%) e o feijão (1,89%) como os mais expressivos (quadro 1). Analisando também nessa ótica, em 1987/89, portanto após duas décadas a área de pastagem recuou em termos relativos para 48,48%, enquanto que o reflorestamento (16,83%), o milho (13,52%), a banana (10,99%) e o feijão (2,46%) aumentaram suas percentagens na área agrícola do litoral - paulistano (quadro 2). Esta região participou com 3,03% da área agrícola do Estado no início da década de setenta, tendo esta participação se mantido estável (2,95%) no último triênio da década de oitenta (quadros 3 e 4).

QUADRO 1.- Participação da Área Cultivada de Cada Atividade na Área Total Agrícola, por Divisão Regional Agrícola, Estado de São Paulo, 1970-72
(em porcentagem)

Atividade	Litoral	Vale do Paraíba	Sorocaba	Campinas	Ribeirão Preto	Bauru	Marília	São José do Rio Preto	Araçatuba	Presidente Prudente	Estado de São Paulo
Arroz	1,80	1,78	1,93	2,56	4,46	1,19	3,04	8,26	1,84	0,85	3,06
Feijão	1,89	0,47	3,97	1,05	0,71	0,54	3,18	0,73	0,26	1,07	1,44
Milho	6,18	2,58	10,95	7,46	12,05	6,72	9,56	13,31	4,51	3,71	8,44
Trigo	0,02	0,01	0,12	0,01	0,00	0,00	1,34	0,00	0,00	0,02	0,13
Amendoim	0,03	0,00	0,01	0,04	1,49	0,94	7,30	1,32	2,03	10,17	2,63
Mamona	0,00	0,00	0,00	0,00	0,34	0,62	0,39	0,31	0,17	0,98	0,32
Soja	0,02	0,00	0,09	0,19	2,59	0,04	0,51	0,10	0,02	0,02	0,51
Batata	1,25	0,17	0,49	0,65	0,06	0,02	0,06	0,00	0,00	0,01	0,20
Cebola	0,14	0,02	0,25	0,17	0,04	0,01	0,01	0,00	0,00	0,00	0,07
Tomate envarado	0,16	0,02	0,14	0,09	0,02	0,01	0,01	0,00	0,00	0,00	0,04
Banana	6,03	0,06	0,08	0,05	0,03	0,04	0,05	0,03	0,02	0,01	0,22
Uva comum	1,03	0,00	0,03	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04
Uva fina	0,11	0,00	0,01	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01
Uva indústria	0,03	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Algodão	0,00	0,00	1,05	4,07	3,66	1,13	1,83	7,20	5,41	5,30	3,50
Tomate rasteiro	0,00	0,00	0,00	0,00	0,17	0,05	0,07	0,21	0,11	0,11	0,09
Cana forragem	0,35	0,89	0,23	0,53	0,47	0,40	0,36	0,37	0,17	0,31	0,38
Limão (1)	0,31	0,02	0,05	0,12	0,16	0,03	0,03	0,05	0,02	0,00	0,07
Laranja (1)	0,35	0,15	0,23	4,04	3,34	0,22	0,19	1,38	0,15	0,03	1,20
Tangerinas (1) (2)	0,52	0,08	0,08	0,31	0,12	0,07	0,17	0,04	0,02	0,01	0,11
Café (1)	1,71	0,10	1,90	3,25	2,78	7,06	9,25	8,69	2,14	4,65	4,28
Cana indústria (1)	0,68	0,28	1,96	14,41	8,55	7,27	2,20	0,99	0,29	0,03	3,95
Mandioca (1)	0,41	0,37	0,26	1,07	0,24	0,12	2,13	0,66	0,18	0,29	0,54
Pastagem	64,00	88,87	61,94	52,71	56,43	69,77	57,10	55,77	82,55	72,06	64,53
Chá	0,78	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,02
Reflorestamento	12,17	4,13	14,21	7,15	2,32	3,77	1,23	0,60	0,12	0,36	4,22
Área total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

(1) Considerada a área plantada.

(2) Inclue Ponkan, Tangerina e Murcote.

Fonte: Dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 2.- Participação da Área Cultivada de Cada Atividade na Área Total Agrícola, por Divisão Regional Agrícola, Estado de São Paulo, 1987-89
(em porcentagem)

Atividade	Litoral	Vale do Paraíba	Sorocaba	Campinas	Ribeirão Preto	Bauru	Marília	São José do Rio Preto	Aracatuba	Presidente Prudente	Estado de São Paulo
Arroz	1,02	2,10	1,38	1,86	1,90	0,58	0,98	3,15	0,80	0,41	1,50
Feijão	2,46	1,49	9,25	1,40	0,76	0,35	0,92	0,67	1,45	2,47	2,30
Milho	13,52	2,40	9,39	5,71	10,47	5,78	6,42	9,84	7,14	4,02	7,62
Trigo	0,00	0,01	1,04	0,40	0,08	0,00	8,64	0,00	0,01	0,67	1,09
Amendoim	0,00	0,00	0,01	0,01	0,85	0,25	1,67	0,28	0,46	0,61	0,48
Mamona	0,00	0,00	0,00	0,00	0,02	0,13	0,01	0,03	0,02	0,46	0,07
Soja	0,00	0,00	0,62	1,43	8,49	0,08	9,74	0,88	0,44	0,98	2,90
Batata	0,74	0,27	0,48	0,42	0,02	0,01	0,02	0,00	0,00	0,00	0,15
Cebola	0,01	0,00	0,37	0,19	0,06	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,09
Tomate envarado	0,08	0,02	0,12	0,18	0,01	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,04
Banana	10,99	0,03	0,11	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,35
Uva comum	0,87	0,00	0,04	0,09	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04
Uva fina	0,04	0,01	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Uva indústria	0,01	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Algodão	0,00	0,00	0,26	2,42	1,66	0,40	0,66	2,41	2,04	4,48	1,68
Tomate rasteiro	0,00	0,00	0,00	0,00	0,07	0,01	0,01	0,07	0,17	0,09	0,05
Cana forragem	0,39	1,29	0,24	0,46	0,43	0,37	0,44	0,36	0,15	0,30	0,40
Limão (1)	0,26	0,01	0,12	0,27	0,33	0,09	0,03	0,33	0,03	0,01	0,16
Laranja (1)	0,45	0,09	0,59	10,56	10,62	0,63	0,08	9,71	0,30	0,03	4,33
Tangerinas (1) (2)	0,62	0,07	0,13	0,48	0,13	0,07	0,12	0,02	0,00	0,02	0,13
Café (1)	1,64	0,15	1,24	6,01	4,71	6,68	6,56	6,84	1,61	3,73	4,22
Cana indústria (1)	0,30	0,22	3,84	22,81	22,96	20,70	12,07	6,82	6,47	3,46	11,43
Mandioca (1)	0,30	0,27	0,09	0,61	0,08	0,16	0,84	0,08	0,01	0,09	0,22
Pastagem	48,48	84,13	51,84	38,59	32,07	57,35	49,75	58,03	78,69	77,78	55,21
Chá	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,03
Reflorestamento	16,83	7,44	18,82	6,05	4,28	6,35	1,03	0,43	0,13	0,38	5,49
Área total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

(1) Considerada a área plantada.

(2) Inclui Ponkan, Tangerina e Murcote.

Fonte: Dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 3.- Participação da Área Regional na Área Estadual de Cada Atividade, por Divisão Regional Agrícola, Estado de São Paulo, 1970-72
(em porcentagem)

Atividade	Litoral	Vale do Paraíba	Sorocaba	Campinas	Ribeirão Preto	Bauru	Marília	São José do Rio Preto	Araçatuba	Presidente Prudente	Estado de São Paulo
Arroz	1,78	3,38	9,04	8,19	23,20	2,75	8,37	33,67	5,94	3,67	100,00
Feijão	3,98	1,89	39,68	7,16	7,93	2,67	18,70	6,36	1,78	9,85	100,00
Milho	2,22	1,78	18,59	8,69	22,75	5,63	9,57	19,70	5,28	5,80	100,00
Trigo	0,53	0,60	12,31	0,46	0,00	0,00	84,14	0,00	0,06	1,90	100,00
Amendoim	0,03	0,00	0,08	0,16	8,99	2,53	23,41	6,26	7,60	50,94	100,00
Mamona	0,00	0,00	0,00	0,00	17,21	13,99	10,33	12,21	5,23	41,02	100,00
Soja	0,13	0,00	2,65	3,66	81,43	0,50	8,48	2,34	0,39	0,42	100,00
Batata	19,00	4,92	35,45	32,10	4,65	0,60	2,53	0,00	0,00	0,74	100,00
Cebola	6,62	1,55	53,59	25,72	9,89	0,83	1,02	0,00	0,27	0,52	100,00
Tomate envarado	12,54	3,33	49,61	22,49	8,25	1,01	1,89	0,26	0,25	0,38	100,00
Banana	83,11	1,66	5,09	2,02	1,90	1,28	1,84	1,52	0,67	0,90	100,00
Uva comum	72,34	0,00	9,30	17,45	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,92	100,00
Uva fina	57,65	2,85	23,37	9,38	0,00	0,00	4,35	0,00	0,00	2,39	100,00
Uva indústria	27,10	0,00	72,04	0,87	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Algodão	0,00	0,00	4,29	11,42	16,66	2,28	4,43	25,70	15,28	19,95	100,00
Tomate rasteiro	0,00	0,00	0,00	0,00	30,89	4,34	6,37	29,72	12,25	16,42	100,00
Cana forragem	2,76	13,49	8,68	13,53	19,31	7,32	7,94	12,00	4,47	10,48	100,00
Limão (1)	13,72	2,10	9,99	17,21	37,42	2,91	3,70	9,63	2,41	0,90	100,00
Laranja (1)	0,87	0,73	2,76	32,94	44,20	1,29	1,34	14,32	1,25	0,29	100,00
Tangerinas (1) (2)	14,54	4,07	10,24	28,08	16,92	4,75	13,53	4,36	2,17	1,34	100,00
Cafê (1)	1,21	0,13	6,35	7,46	10,33	11,67	18,25	25,34	4,93	14,33	100,00
Cana indústria (1)	0,52	0,41	7,12	35,83	34,46	13,02	4,70	3,13	0,71	0,09	100,00
Mandioca (1)	2,32	3,92	7,00	19,41	6,95	1,52	33,25	15,26	3,19	7,18	100,00
Pastagem	3,00	8,01	13,76	8,02	13,93	7,65	7,47	10,80	12,63	14,72	100,00
Chá	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Reflorestamento	8,73	5,69	48,24	16,63	8,76	6,32	2,46	1,77	0,29	1,11	100,00
Área total	3,03	5,81	14,33	9,82	15,93	7,08	8,45	12,49	9,88	13,18	100,00

(1) Considerada a área plantada.

(2) Inclui Ponkan, Tangerina e Murcote.

Fonte: Dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 4.- Participação da Área Regional na Área Estadual de Cada Atividade, por Divisão Regional Agrícola, Estado de São Paulo, 1987-89
(em porcentagem)

Atividade	Litoral	Vale do Paraíba	Sorocaba	Campinas	Ribeirão Preto	Bauru	Marília	São José do Rio Preto	Araçatuba	Presidente Prudente	Estado de São Paulo
Arroz	1,99	7,51	12,43	12,51	22,12	2,90	6,08	26,33	4,93	3,18	100,00
Feijão	3,16	3,49	54,35	6,14	5,82	1,15	3,76	3,69	5,88	12,56	100,00
Milho	5,24	1,70	16,64	7,57	24,07	5,74	7,90	16,23	8,74	6,18	100,00
Trigo	0,00	0,03	12,95	3,76	1,34	0,03	74,52	0,03	0,11	7,22	100,00
Amendoim	0,00	0,00	0,36	0,30	31,14	3,91	32,98	7,43	8,98	14,90	100,00
Mamona	0,00	0,00	0,00	0,00	4,11	12,93	1,54	5,80	3,08	72,54	100,00
Soja	0,00	0,00	2,87	4,97	51,27	0,21	31,48	3,82	1,41	3,97	100,00
Batata	14,57	9,54	43,30	28,53	2,68	0,36	1,03	0,00	0,00	0,00	100,00
Cebola	0,34	0,19	56,89	22,12	11,98	0,00	0,10	0,69	7,57	0,12	100,00
Tomate envarado	5,60	1,93	38,74	43,16	3,90	0,85	0,35	4,51	0,15	0,79	100,00
Banana	94,02	0,44	4,22	0,98	0,06	0,02	0,08	0,13	0,01	0,03	100,00
Uva comum	64,61	0,00	12,05	23,14	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,20	100,00
Uva fina	27,76	7,81	54,27	4,29	0,00	0,00	0,00	1,88	0,00	4,00	100,00
Uva indústria	21,62	0,00	76,92	1,46	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Algodão	0,00	0,00	2,11	14,55	17,31	1,78	3,68	18,05	11,31	31,21	100,00
Tomate rasteiro	0,00	0,00	0,54	0,00	25,02	2,08	1,73	18,30	30,84	21,50	100,00
Cana forragem	2,87	17,36	8,04	11,69	18,85	7,04	10,42	11,45	3,43	8,86	100,00
Limão (1)	4,66	0,36	9,78	16,67	35,00	4,15	1,95	25,20	1,59	0,63	100,00
Laranja (1)	0,31	0,11	1,85	24,65	42,91	1,11	0,16	28,15	0,66	0,09	100,00
Tangerinas (1) (2)	13,76	2,65	13,08	36,72	17,12	4,18	8,37	2,15	0,26	1,71	100,00
Café (1)	1,15	0,19	3,97	14,39	19,51	11,98	14,57	20,35	3,56	10,33	100,00
Cana indústria (1)	0,08	0,10	4,54	20,18	35,17	13,71	9,91	7,49	5,28	3,54	100,00
Mandioca (1)	3,99	6,51	5,40	27,39	6,32	5,40	35,38	4,50	0,50	4,61	100,00
Pastagem	2,59	8,19	12,68	7,07	10,17	7,86	8,45	13,21	13,29	16,48	100,00
Chá	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Reflorestamento	9,06	7,29	46,32	11,15	13,65	8,76	1,75	0,97	0,22	0,81	100,00
Área total	2,95	5,38	13,51	10,11	17,51	7,57	9,38	12,57	9,32	11,70	100,00

(1) Considerada a área plantada.

(2) Inclui Ponkan, Tangerina e Murcote.

Fonte: Dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

Quanto à participação da área regional na área estadual da atividade, a pastagem representava 3,00% e passou a responder por 2,59%, o feijão decresceu de 3,98% para 3,16%, enquanto que no reflorestamento a produção regional subiu sua representatividade de 8,73% para 9,06%, o mesmo aconteceu com a banana que saindo de 83,11% do total estadual alcançou 94,02%, consolidando o Litoral Paulista como maior produtor de banana dentre as regiões agrícolas de São Paulo. Também cresceu a participação regional no total estadual de plantio de milho, pois de 2,22% da área de todo o Estado em 1970/72 a região alcançou 5,24% em 1987/89 (quadros 3 e 4).

No entanto, existem outras culturas que apesar de menor expressão no sentido extensivo, a região tem participação significativa da área estadual do produto. O maior exemplo é o chá, cuja percentagem da área do Litoral Paulista era de apenas 0,78% em 1970/72 e passou a ser 1% em 1987/89 (quadros 1 e 2). Nessa cultura no entanto o Litoral Paulista representa praticamente a totalidade da produção estadual em ambos os triênios. Esse também é o caso da batata cuja produção regional era 19,00% da estadual em 1970/72 e atingira 14,57% em 1987/89, decréscimo também experimentado pelo tomate envarado (12,54% para 5,6%); uva comum (72,34% para 64,61%); uva fina (57,65% para 27,76%); uva para indústria (27,10% para 21,62%) e tangerinas (14,54% para 13,76%). Inversa é a tendência do arroz que apresentou aumento da participação regional na produção estadual (1,78% para 1,99%) e da mandioca (2,32% para 3,99%) (quadros 3 e 4).

Tomando a variação da área da cultura na região em termos gerais entre os dois triênios, as principais variações positivas ficaram por conta do milho (111,05%), da banana (75,66%), do reflorestamento (33,27%), da laranja (265,59%), do feijão (25,69%), do chá (23,48%) e das tangerinas (13,90%). As maiores perdas de

área são da cebola (93,19%), uva para indústria (79,24%), uva fina (69,36%), tomate envarado (53,66%), arroz (45,33%), batata (45,73%), mandioca (29,68%), pastagem (26,95%) e limão (19,22%). A área agrícola total do Litoral Paulista decresceu 3,57% nas décadas de setenta e oitenta no seu conjunto, fazendo com que ocorresse uma alteração na composição de culturas com algumas cedendo áreas às mais dinâmicas (quadro 5).

No contexto geral para todo o Litoral Paulista, nota-se a tendência de crescimento do milho, da banana e do reflorestamento dentre as atividades de maior utilização de área e do chá entre os menos extensivos, com recuo absoluto e relativo da pastagem. Isso denota uma crescente especialização regional com a banana e o chá avançando nas áreas próximas a Registro e o reflorestamento em toda a região. Em tendo uma topografia acidentada e solos na maioria pobres e por representar as últimas áreas de mata natural do Estado de São Paulo compostas das reservas da Serra do Mar e do Paranapiacaba, a agricultura encontra limites decisivos em termos físicos, restando a especialização e a intensificação do uso do solo como alternativas palpáveis; notadamente, se caminha para o cultivo de hortícolas na entressafra, principalmente nas várzeas irrigáveis do Vale do Ribeira.

3.2 - DIRA do Vale do Paraíba

A região valeparaibana está estrategicamente situada entre São Paulo e Rio de Janeiro, principais conglomerados metropolitanos do Brasil, e passa por um intenso processo de urbanização e industrialização. No início da década de setenta representava 5,81% da área agrícola estadual, que ao final de vinte anos se reduz para 5,38% (quadros 3 e 4). A pastagem ocupava em 1970/72 a maior parcela da área regional (88,87%) em razão da importante bacia leiteira que nela se

QUADRO 5.- Variação Porcentual da Área de Cada Atividade, por Divisão Regional Agrícola, Estado de São Paulo, 1970/72 a 1987/89
(em porcentagem)

Atividade	Litoral	Vale do Paraíba	Sorocaba	Campinas	Ribeirão Preto	Bauru	Marília	São José do Rio Preto	Araçatuba	Presidente Prudente	Estado de São Paulo
Arroz	-45,73	7,89	-33,27	-25,94	-53,75	-48,81	-64,75	-62,07	-59,71	-57,95	-51,49
Feijão	25,69	192,07	116,64	35,53	16,06	-31,97	-68,20	-8,27	423,75	101,78	58,17
Milho	111,05	-14,91	-20,10	-22,24	-5,59	-9,06	-26,33	-26,48	47,75	-4,90	-10,76
Trigo	-	-57,30	742,45	6438,01	-	-	609,12	-	1274,99	2941,78	700,66
Amendoim	-	-	-15,93	-67,10	-38,09	-72,38	-74,82	-78,78	-78,90	-94,77	-82,13
Mamona	-	-	-	-	-94,44	-78,52	-96,54	-88,96	-86,32	-58,89	-76,75
Soja	-	-	512,42	667,35	255,86	140,89	1996,93	822,53	1965,50	5270,84	465,24
Batata	-42,89	44,38	-9,01	-33,81	-57,10	-55,17	-69,78	-	-	-	-25,51
Cebola	-93,19	-84,16	39,52	13,01	59,16	-	-86,79	-	3631,96	-70,90	31,41
Tomate envarado	-53,66	-39,75	-19,05	98,91	-50,99	-12,56	-80,72	1732,74	-35,42	113,78	3,66
Banana	75,66	-58,83	28,86	-24,73	-94,89	-97,11	-93,09	-87,03	-97,56	-95,41	55,27
Uva comum	-19,04	-	17,49	20,20	-	-	-	-	-	-80,45	-9,37
Uva fina	-69,36	74,19	47,77	-70,92	-	-	-	-	-	6,41	-36,37
Uva indústria	-79,24	-	-72,22	-56,25	-	-	-	-	-	-	-73,99
Algodão	-	-	-76,70	-39,58	-50,74	-62,98	-60,58	-66,71	-64,92	-25,84	-52,60
Tomate rasteiro	-	-	-	-	-53,49	-72,42	-84,45	-64,65	44,54	-24,84	-42,57
Cana forragem	6,92	32,54	-4,62	-11,05	0,54	-1,04	35,24	-1,78	-21,03	-12,87	3,01
Limão (1)	-19,22	-58,77	132,81	130,26	122,35	238,42	25,13	522,57	57,50	67,16	137,77
Laranja (1)	-	-48,23	139,31	166,21	245,33	206,42	-56,65	599,17	86,07	4,15	255,74
Tangerinas (1) (2)	13,90	-21,79	53,62	57,31	21,72	5,92	-25,58	-40,73	-85,52	52,71	20,29
Café (1)	-7,45	41,04	-39,09	88,11	84,04	0,02	-22,18	-21,72	-29,61	-29,78	-2,54
Cana indústria (1)	-	-27,21	82,23	60,96	191,68	200,95	502,08	584,38	2013,61	11411,18	185,81
Mandioca (1)	-29,68	-32,32	-68,51	-42,46	-62,95	44,85	-56,61	-87,98	-93,63	-73,82	-59,22
Pastagem	-26,95	-13,51	-22,06	-25,54	-38,29	-13,15	-4,42	3,42	-11,11	-5,35	-15,47
Chá	23,48	-	-	-	-	-	-	-	-	-	23,48
Reflorestamento	33,27	64,77	23,38	-13,85	100,37	78,15	-8,40	-29,40	-1,91	-5,72	28,49
Área total	-3,57	-8,64	-6,86	1,70	8,59	5,66	9,70	-0,61	-6,75	-12,31	-1,21

(1) Considerada a área plantada.

(2) Inclui Ponkan, Tangerina e Murcote.

Fonte: Dados básicos do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

localiza. A seguir, com importante participação na área plantada da região tem-se o reflorestamento (4,13%), o milho (2,58%), e o arroz (1,78%) (quadro 1). Já no triênio 1987/89 nota-se um recuo na participação da pastagem em termos relativos (84,13%) apesar de continuar a ser a principal atividade em área ocupada. O reflorestamento avançou em expressão (7,44%), o mesmo ocorrendo com o arroz (2,10%), o feijão (1,49%) e a cana para forragem (1,29%), com pequeno recuo no caso do milho (2,40%) (quadro 2).

A pastagem valeparaibana representava 8,01% da área de pasto do Estado em 1970/72, elevando esse índice para 8,19% em 1987/89; o reflorestamento também cresceu de 5,69% para 7,29%, o arroz subiu de 3,38% para 7,51%, o feijão de 1,89% para 3,49%, a cana para forragem de 13,49% para 17,36%, enquanto que o milho caiu de 1,78% para 1,70% da sua área estadual. Dentre as culturas com importante participação da região do Vale do Paraíba no total estadual tem-se a batata cuja área respondia por 4,92% em 1970/72, e passou a 9,54% em 1987/89, o mesmo ocorrendo com a mandioca cuja ocupação de solo agrícola cresceu em termos de representatividade de 3,92% do total estadual para 6,51%; e da uva fina que saltou de 2,85% para 7,81%. As tangerinas (4,07% para 2,65%) e o tomate envarado (3,33% para 1,93%) apresentaram recuo em termos de percentual da área do Estado de São Paulo como um todo (quadros 3 e 4). A análise da variação absoluta entre os triênios considerados mostra que as culturas com maior acréscimo são o feijão que praticamente dobrou sua área cultivada (192,07%), o reflorestamento (64,77%), com índice expressivo, a batata (44,38%), a cana para forragem (32,54%) e o arroz (7,89%). Das culturas de menor representatividade mostrou-se dinâmica a do café (41,04%), produto este que teve no Vale do Paraíba a primeira região paulista de cultivo no final do século passado. Também a uva fina avançou

suas plantações em 74,19% no período (quadro 5).

Já dentre as atividades que perderam dinamismo, retrocedendo sua expressão em área cultivada, destacam-se a pastagem (13,51%), o milho (14,91%) e a mandioca (32,32%). Dessas, sem a menor dúvida, o caso mais expressivo é a pastagem que retraíndo sua área territorial em níveis palpáveis em termos proporcionais produz efeitos elevados pela sua participação. A solidez da pecuária leiteira regional evitou uma perda maior de área de pasto. A área agrícola valeparaibana é 8,64% menor no triênio 1987/89 em relação a 1970/72, demonstrando que a atividade produtiva rural perde terreno para outras, onde certamente a explosão imobiliária da urbanização crescente na região explica parcela importante dessas perdas (quadro 5). Deve ser destacado o avanço do arroz irrigado com elevada produtividade por unidade de área. Em se tratando de uma região com terras férteis localizadas estrategicamente em termos de acesso aos centros consumidores a intensificação do uso do solo e o melhor aproveitamento de suas várzeas é uma tendência concreta à agricultura do Vale do Paraíba.

3.3 - DIRA de Sorocaba

A região de Sorocaba tem um perfil agrícola diversificado, formado de zonas produtoras de hortigranjeiros mais próximas à capital paulista, zona de cereais como o feijão e o trigo no Sudoeste e cana para indústria nas áreas mais centrais. Esta região participava com 14,33% na área agrícola do Estado no início dos anos setenta, se reduzindo para 13,51% no final da década de oitenta. No início da década de setenta, as culturas que percentualmente ocupavam a maior parcela das terras cultivadas eram: a pastagem (61,94%), o reflorestamento (14,21%), o milho (10,95%) e o feijão (3,97%) (quadro 1). No final dos anos

oitenta tinha-se a pastagem (51,84%), o reflorestamento (18,82%), o milho (9,39%), o feijão (9,25%) e a cana para indústria (3,84%) (quadro 2). Portanto, também nessa região a pastagem cedeu área proporcionalmente às outras culturas, o mesmo ocorrendo com o milho. Nota-se, entretanto, que a região de Sorocaba é aquela onde a participação do reflorestamento na área agrícola total regional é maior e crescente. Por outro lado, houve o grande impulso regional na cultura do feijão, que passou a ter posição destacada na agricultura estadual. A cana para indústria, em áreas específicas também expandiu-se embora não tenha assumido a expressão experimental em outras regiões.

Quanto à participação da área regional no total estadual com cada cultura, em 1970/72 os principais produtos eram a uva para indústria (72,04%), a cebola (53,59%), o tomate envarado (49,61%), o reflorestamento (48,24%), o feijão (39,68%), batata (35,45%), uva fina (23,37%), milho (18,59%), a pastagem (13,76%), o trigo (12,31%), as tangerinas (10,24%), o limão (9,99%), a uva comum (9,30%) e o arroz (9,04%) (quadro 3). Passadas quase duas décadas, em 1987/89, as principais culturas eram: uva para indústria (76,92%), a cebola (56,89%), o feijão (54,35%), a uva fina (54,27%), o reflorestamento (46,32%), a batata (43,30%), o tomate envarado (38,74%), o milho (16,64%), as tangerinas (13,08%), o trigo (12,95%), a pastagem (12,68%), o arroz (12,43%), a uva comum (12,05%), e o limão (9,78%) (quadro 4). Houve crescimento da importância em termos estaduais da área agrícola regional de uva para indústria, da cebola, do feijão, da batata, da uva fina, das tangerinas, do trigo e do arroz, dando suporte a um processo diversificado de crescimento. Das culturas regionais que perderam expressão na área estadual, o reflorestamento se destaca. Embora Sorocaba ainda mantenha quase a metade da área reflorestada estadual, essa

perda foi principalmente devido ao avanço da cultura noutras regiões. Além dessa, houve quedas na participação nas áreas do tomate envarado, do milho, da pastagem e da banana.

O panorama torna-se mais claro quando se visualiza a variação total das décadas de setenta e oitenta no seu conjunto. Destaca-se em dinamismo o trigo (742,45%), arrastando consigo a soja (512,42%), fato explicado na medida em que a triticultura volta a ser praticada em zonas que já ocupara no final da década de cinquenta. Cresceram também as áreas com a laranja (139,31%), o limão (132,81%), o feijão (116,64%), a cana para indústria (82,23%), as tangerinas (53,62%), a uva fina (47,77%), a cebola (39,52%), a banana (28,86%), o reflorestamento (23,38%) e a uva comum (17,49%) (quadro 5). Aspectos importantes do perfil regional podem ser destacados: a especialização do feijão em alguns anos, a relevante alternativa em que se configurou o cultivo dos citros, abrindo perspectivas de formar-se na região um novo centro expressivo de produção dessa cultura e o crescimento da olericultura e fruticultura nas regiões mais próximas à capital, além do reflorestamento na área mais central da região.

A retração de área em termos absolutos ocorreu para o algodão (-76,70%), uva para indústria (-72,22%), café (-39,09%), mandioca (-68,51%), arroz (-33,27%), pastagem (-22,06%), milho (-20,10%), tomate envarado (-19,05%), amendoim (-15,93%), batata (-9,01%) e cana para forragem (-4,62%). A área agricultada total da região de Sorocaba decresceu 6,86% entre 1970/72 e 1987/89 demonstrando uma retração na atividade de produção rural como um todo. No contexto geral é clara a especialização regional, inclusive com zonas distintas dentro da própria região atuando preferencialmente com culturas mais propícias. Tal é o caso da fruticultura e olericultura nas terras de Piedade, São Miguel Archanjo e municípios circunvizinhos pró-

ximos da capital, do feijão na zona de Itararé e Itapeva, do reflorestamento em torno de Buri e da cana para indústria em Porto Feliz e proximidades. Portanto, tem-se em Sorocaba uma grande diversificação que crescentemente vem sendo aprofundada e em cada caso as alternativas se apresentam com características e potenciais distintos.

3.4 - DIRA de Campinas

A DIRA de Campinas é considerada como uma das que possuem um setor agropecuário extremamente dinâmico, e com uma apicultura de alto nível tecnológico, pois na região se localizam estruturas importantes de pesquisa científica e tecnológica de São Paulo. A área agrícola desta região tem sua participação no total do Estado evoluindo de 9,82% para 10,11% no período em análise. No triênio 1970/72, as culturas com maior participação na área agrícola regional eram: pastagem (52,71%), cana para indústria (14,41%), milho (7,46%), reflorestamento (7,15%), laranja (4,04%), algodão (4,07%), café (3,25%) e arroz (2,56%). No triênio 1987/89 nota-se que a pastagem cedeu percentuais significativos na sua representatividade passando a ter 38,59% da área agrícola, uma das menores de todo o Estado, enquanto que a cana para indústria cresceu para 22,81%, a laranja para 10,56% e o café para 6,01%. O milho (5,71%), o arroz (1,86%) e o algodão (2,42%) perderam expressão no contexto da área plantada regional (quadros 1 e 2). No global dos produtos mais importantes em extensão de terra cultivada, nota-se uma intensificação da utilização do solo com o declínio relativo das pastagens.

Na participação da área da Região de Campinas cada cultura na área estadual do produto, destacavam-se em 1970/72: cana para indústria (35,83%), laranja (32,94%), batata (32,10%), tangerinas (28,08%), cebola (25,72%), tomate envarado (22,49%), mandioca (19,41%), pastagem (18,62%), uva comum

(17,45%), limão (17,21%), reflorestamento (16,63%) e algodão (11,42%), (quadro 3). Em 1987/89, a região de Campinas detinha 43,16% da área estadual de tomate envarado e 36,72% das plantações de tangerinas. Destacavam-se ainda batata (28,53%), mandioca (27,39%), laranja (24,65%), uva comum (23,14%), cebola (22,12%), pastagem (7,07%), cana para indústria (20,18%), limão (16,67%), algodão (14,55%), café (14,39%), arroz (12,51%), cana para forragem (11,69%) e reflorestamento (11,15%) (quadro 4). Trata-se de uma agricultura bastante diversificada em todo seu conjunto.

Quando é analisada a variação total no conjunto entre os dois triênios consideradas, a cultura que maior incremento de área apresentou na região de Campinas foi o trigo (6.438,01%) seguido da soja (667,35%). A triticultura saiu de uma área insignificante para atingir níveis elevados no final dos anos oitenta. Também incorporaram área a laranja (166,21%), o limão (130,26%), o tomate envarado (98,91%), o café (88,11%), a cana para indústria (60,96%), as tangerinas (57,31%) e o feijão (35,53%), realçando as mais dinâmicas (quadro 5). Os decréscimos em termos de área, proporcionalmente à que ocupavam, ficaram por conta da uva fina (70,92%), do amendoim (67,10%), da uva para indústria (56,25%), da mandioca (42,46%), da batata (33,81%), do arroz (25,94%), da pastagem (25,54%), da banana (24,73%), do milho (22,24%), do reflorestamento (13,85%) e da cana para forragem (11,05%) para citar as que mais perderam área (quadro 5).

A agricultura campineira é conhecida principalmente pelos elevados padrões tecnológicos que pratica. Em época de urbanização agrícola crescente, a região que se constituiu as primeiras ocupadas para atividade rural, inaugurando sua produção já no século passado, mesmo nessas condições a área agrícola campineira cresceu 1,7% entre os triênios considerados no conjunto (quadro 5). O dinamismo de-

monstrado pelos citros e pela cana para indústria, duas das principais culturas em termos de área ocupada, contrasta com o recuo da pastagem. Essa intensificação do uso do solo se mostrou bastante forte na região numa tendência de substituição crescente de atividades.

3.5 - DIRA de Ribeirão Preto

A região de Ribeirão Preto, ocupada com a cultura do café no final do século passado, caracteriza-se por possuir uma agricultura moderna e diversificada. Sua área agrícola evoluiu de uma participação de 15,93% no início dos anos setenta para 17,51% da área agrícola do Estado no final da década de oitenta. No período 1970/72 as culturas com maior percentual de terras ocupadas no contexto da área agrícola regional eram: pastagem (56,43%), milho (12,05%), cana para indústria (8,55%), arroz (4,46%), algodão (3,66%), laranja (3,34%), café (2,78%), soja (2,59%), reflorestamento (2,32%) e amendoim (1,49%) (quadro 1). No final da década de oitenta, no triênio 1987/89, quando se compara com o perfil anterior nota-se mudanças importantes. A pastagem regrediu significativamente passando a utilizar 32,07% das terras plantadas, atingindo com isso a menor participação dentre as várias regiões do Estado. Também diminuíram sua participação: milho (10,47%), arroz (1,90%), algodão (1,66%) e amendoim (0,85%). Com uma expansão significativa, algumas culturas elevaram o percentual de terras agrícolas que ocupavam. Assim as maiores expressões são: a cana-de-açúcar com 22,96% da área agrícola regional, a soja com 8,49%, a laranja com 10,62%, o café alcançando 4,71% e o reflorestamento com 4,28%, (quadro 2).

A participação da área cultivada regional no total estadual de cada produto é significativa para um grande conjunto deles, face a diversi-

ficação da agricultura regional. Em 1970/72 destacaram-se: soja (81,43%), laranja (44,20%), limão (37,42%), cana para indústria (34,46%), tomate rasteiro (30,89%), arroz (23,20%), milho (22,75%), cana para forragem (19,31%), mamona (17,21%), tangerinas (16,92%), algodão (16,66%), pastagem (13,93%) e café (10,33%) (quadro 3). Em 1987/89, o perfil privilegiava: soja (51,27%), laranja (42,91%), cana para indústria (35,00%), limão (35,00%), amendoim (31,14%), tomate rasteiro (17,00%), milho (24,07%), arroz (22,12%), café (19,51%), cana para forragem (18,85%), algodão (17,31%), tangerinas (17,12%), reflorestamento (13,65%), cebola (11,98%) e pastagem (10,17%) (quadro 4). Dessas informações infere-se que a região ribeirão-pretana contribui de forma expressiva para a área agrícola estadual de diversos produtos, o que magnifica sua importância no contexto da economia paulista.

Quanto à variação total da área de cada cultura na região, ocorre entre o primeiro triênio da década de setenta e o último da de oitenta, os maiores avanços são para: soja (255,86%), laranja (245,33%), cana para indústria (191,68%), limão (122,35%), reflorestamento (100,37%), café (84,04%), cebola (59,16%), tangerinas (21,72%) e feijão (16,06%). Cederam área: a banana (94,89%), a mamona (94,44%), a mandioca (62,95%), a batata (57,10%), o arroz (53,75%), o tomate envarado (50,99%), o algodão (50,74%), a pastagem (38,29%), o amendoim (38,09%) e o milho (5,59%). Denotando o dinamismo regional, a área agrícola ribeirão-pretana cresceu 8,59% no período (quadro 5). Esse fato é muito significativo quando se acrescenta que esse crescimento veio acompanhado de avanço na área florestada, que dobrou sua expressão nas décadas consideradas. Nesse sentido a intensificação do uso do solo agrícola nessa região ocorreu com uma substituição de culturas sem contudo deixar de contemplar uma maior cobertura florestal.

3.6 - DIRA de Bauru

A região de Bauru ocupa a parte central do Estado de São Paulo e representa em média 7,57% da área agrícola do Estado. No início da década de setenta, tomando como referência o triênio 1970/72, um percentual de 69,77% da área agrícola regional era ocupada com pastagem, vindo a seguir a cana para indústria (7,27%), o café (7,06%), o milho (6,72%) e o reflorestamento (3,77%), que representavam as principais culturas em termos de ocupação do solo (quadro 1). No final da década de oitenta a pastagem ainda era a principal plantação das terras regionais com 57,35%, seguida agora da cana para indústria que passou a ocupar 20,70% da área cultivada. A seguir vêm o café (6,68%), o reflorestamento (6,35%) e o milho (5,78%), também com índices relevantes (quadro 2).

No tocante à participação da área regional na estadual de cada cultura, em 1970/72, os principais produtos eram: mamona (13,99%), cana para indústria (13,02%), café (11,67%), pastagem (7,65%), cana para forragem (7,32%), reflorestamento (6,32%), milho (5,63%), tangerinas (4,75%) e tomate rasteiro (4,34%) (quadro 3). No triênio 1987/89, destacavam-se: a cana para indústria (13,71%), a mamona (12,93%), o café (11,98%), o reflorestamento (8,76%), a pastagem (7,86%), a cana para forragem (7,04%), o milho (5,74%), as tangerinas (4,18%), o limão (4,15%) e o amendoim (3,91%), dentre aqueles cujo percentual da área regional é importante no contexto estadual (quadro 4).

A variação total da área regional de cada cultura entre o início da década de setenta e o fim da de oitenta faz despontar como mais expressivos aumentos: o limão (238,42%), a laranja (206,42%), a cana para indústria (200,95%), a soja (140,89%), o reflorestamento (78,15%) e a mandioca (44,85%). Dentre os produtos que cederam área devem ser realçados: a banana

(97,11%), a mamona (78,52%), o tomate rasteiro (72,42%), o amendoim (72,38%), o algodão (62,98%), a batata (55,17%), o arroz (64,75%), o feijão (31,97%), a pastagem (13,15%) e o tomate envarado (12,56%). A área agrícola regional cresceu 5,66% no período denotando grande dinamismo (quadro 5). A região de Bauru tem numa de suas zonas uma indústria sucroalcooleira forte (casos de Barra Bonita e Jaú) noutra uma expressiva bacia leiteira (Lins), além do plantio de café (São Manuel e circunvizinhanças). Portanto essa especialização define o perfil evolutivo da agricultura regional, entremeado com o avanço dos grãos como a soja e dos citrus, além do reflorestamento.

3.7 - DIRA de Marília

A região de Marília, onde se localiza a importante zona produtora denominada Vale do Paranapanema, na qual predominavam solos férteis e clima subtropical, é uma das mais dinâmicas do Estado de São Paulo, à semelhança do seu vizinho por fronteira, o Norte do Paraná e a sua área agrícola representa cerca de 9,38% do Estado. Em 1970/72, as principais ocupações do solo agrícola regional eram: a pastagem (57,10%), o milho (9,56%), o café (9,25%), o amendoim (7,30%), o feijão (3,18%) e o arroz (3,04%) (quadro 1). Já em 1987/89 tinha-se: a pastagem (49,75%), a cana para indústria (12,07%), a soja (9,74%), o trigo (8,64%), o café (6,56%) e o milho (6,42%) em ordem decrescente de importância na utilização do solo regional (quadro 2). O crescimento da cana para indústria, da soja e do trigo deu-se em detrimento dos demais produtos que perderam expressão.

A participação da área cultivada da região de Marília na estadual de inúmeras culturas é significativa. Em 1970/72, as principais contribui-

ções eram as de: trigo (84,14%), mandioca (33,25%), amendoim (23,41%), feijão (18,70%), café (18,25%), tangerinas (13,53%), mamona (10,33%), milho (9,57%), soja (8,48%), arroz (8,37%), cana para forragem (7,94%), pastagem (7,65%) e tomate rasteiro (6,37%) (quadro 3). No triênio 1987/89, as culturas da região mariliense cuja área participou expressivamente do contexto estadual, eram: o trigo (74,52%), a mandioca (35,38%), o amendoim (32,98%), a soja (31,48%), o café (14,57%), a cana para forragem (10,42%), a cana para indústria (9,91%), a pastagem (8,45%), as tangerinas (8,37%), o milho (7,90%) e o arroz (6,08%), colocando a região de Marília como grande produtora de grãos (quadro 4).

Analisando a variação total entre os triênios 1970/72 e 1987/89 apresentaram incrementos de área cultivada na região a soja (1996,93%), o trigo (609,12%), a cana para indústria (502,08%), a cana para forragem (35,24%) e o limão (25,13%) com destaque evidente para as três primeiras culturas citadas. As maiores perdas de área ficaram por conta da mamona (-96,54%), banana (-93,09%), cebola (-86,79%), tomate rasteiro (-84,45%), tomate envarado (-80,72%), amendoim (-74,82%), batata (-69,78%), feijão (-68,20%), arroz (-64,75%), algodão (-60,58%), laranja (-56,65%), mandioca (-56,61%), milho (-26,33%), tangerinas (-25,58%), café (-22,12%) e reflorestamento (-8,40%). A região de Marília apresentou a maior expansão da área agrícola total em termos estaduais, que era 9,70% maior no final da década de oitenta em relação ao início da de setenta (quadro 5) incorporando áreas de cerrado e campo para a área agrícola regional. Dois pontos a serem destacados são a especialização do Vale do Paranapanema como importante centro produtor de trigo e soja e o incremento expressivo de área plantada com cana para indústria num intenso processo de substituição das demais culturas.

3.8 - DIRA de São José do Rio Preto

A região de São José do Rio Preto está localizada no Noroeste do Estado de São Paulo e é a quarta região agrícola do Estado em área cultivada, com uma participação de 12,57%. No triênio 1970/72, de sua área agrícola 55,77% era ocupada com pastagem, seguido do milho (13,31%), café (8,69%), arroz (8,26%) e algodão (7,20%), as principais culturas regionais em termos da área plantada (quadro 1). No último triênio da década de oitenta (1987/89), a pastagem (58,03%), o milho (9,84%), a laranja (9,71%), o café (6,84%) e a cana para indústria (6,82%) detinham a maior parcela da terra agrícola (quadro 2). Os aumentos da participação da pastagem, da laranja e da cana para indústria denotam o perfil que caracteriza a atual agricultura regional.

Quando se avalia a importância da região na área estadual de cada cultura, em 1970/72 pode-se destacar: o arroz (33,67%), o tomate rasteiro (29,72%), o algodão (25,70%), o café (25,34%), o milho (19,70%), a mandioca (15,26%), a laranja (14,32%), a mamona (12,21%), a cana para forragem (12,00%), a pastagem (10,80%) e o limão (9,63%), como os produtos em que a relevância da área da região rio-pretense é mais expressiva (quadro 3). No período 1987/89, o realce é para: a laranja (28,15%), o arroz (26,33%), o limão (25,20%), o café (20,35%), o tomate rasteiro (18,30%), o algodão (18,05%), o milho (16,23%), a pastagem (13,21%), e a cana para forragem (11,45%) (quadro 4). A produção citrícola regional assumiu, portanto, papel relevante no contexto estadual, contribuindo com parcela efetiva da área plantada.

Abordando a questão da ótica da variação total entre o primeiro triênio da década de setenta e o último da de oitenta, tem-se os crescimentos das áreas regionais de tomate envarado (1.732,74%), soja (822,53%),

laranja (599,17%), cana para indústria (584,38%) e limão (522,57%). De outro lado cedem espaço: a mamona (-88,96%), a mandioca (-87,98%), a banana (-87,03%), o amendoim (-78,78%), o algodão (-66,71%), o tomate rasteiro (-64,65%), o arroz (-62,07%), as tangerinas (-40,73%), o reflorestamento (-29,40%), o milho (-26,48%) e o café (-21,72%). Isso numa área agrícola total que praticamente se manteve no período (quadro 5). O destaque é para o avanço de culturas associadas aos complexos sucroalcooleiro citrícola e sucroalcooleiro e de um produto cuja demanda cresceu com a urbanização crescente: o tomate para consumo **in natura**.

3.9 - DIRA de Araçatuba

A região de Araçatuba é tradicionalmente um centro pecuário tendo uma participação de 9,32% na área agrícola estadual. No triênio 1970/72 a pastagem utilizava 82,55% das terras, seguida do algodão (5,41%), do milho (4,51%), do café (2,14%) e do amendoim (2,03%) (quadro 1). Passadas quase duas décadas, em 1987/89, o perfil destacava: a pastagem (78,69%), o milho (7,14%), a cana para indústria (6,47%) e o algodão (2,04%) (quadro 2). Nesse sentido nota-se o recuo em termos relativos da pastagem, do algodão, do café e do amendoim, contrapondo-se com o avanço da cana para indústria e do milho.

Analisando a participação regional na área estadual de cada cultura, em 1970/72, Araçatuba contribuía com 15,28% da área estadual de algodão, tendo papel relevante na pastagem (12,63%), tomate rasteiro (12,25%), amendoim (7,60%), arroz (5,94%), milho (5,28%), mamona (5,23%) e café (4,93%) (quadro 3). No final da década de oitenta as principais participações regionais no contexto estadual ficaram por conta de: tomate rasteiro (30,84%), pastagem (13,29%), algodão (11,31%), amendoim (8,98%),

milho (8,74%), cebola (7,57%), feijão (5,88%), cana para indústria (5,28%), arroz (4,93%), que eram as principais culturas em termos da representatividade da área cultivada em Araçatuba no contexto estadual (quadro 4). A projeção da produção local de tomate rasteiro é um destaque face à implantação de uma agroindústria utilizadora do produto.

Na ótica da variação absoluta entre os dois triênios, as culturas que expandiram suas áreas foram: a cebola (3.631,96%), a cana para indústria (2.013,61%), a soja (1.965,50%), o trigo (1.274,99%), o feijão (423,75%); a laranja (86,07%), o limão (57,50%), o milho (47,75%) e o tomate rasteiro (44,54%). Cederam área principalmente: a banana (-97,56%), a mandioca (-93,63%), a mamona (-86,32%), as tangerinas (-85,52%), o amendoim (-78,90%), o algodão (-64,92%), o arroz (-59,71%), o tomate envarado (-35,42%) e o café (-29,61%). A região de Araçatuba mantém sua tradicional estrutura produtora de carne bovina, razão da predominância de pastagens. Por outro lado, a industrialização do tomate e a produção da cebola, coadjuvados pela cana para indústria, feijão, trigo e soja, dão suporte a um processo de diversificação da agricultura regional. No período da análise a área agrícola regional se reduziu em 6,75%, em função de áreas cedidas para formação de reservatórios para geração de hidroeletricidade.

3.10 - DIRA de Presidente Prudente

A região de Presidente Prudente é localizada no extremo oeste do Estado e se constitui na terceira região agrícola do Estado em termos de área agrícola, com uma participação de 11,70%. Em 1970/72, a pastagem ocupava 72,06% do solo regional, seguida do amendoim com 10,17%, o algodão (5,30%), o café (4,65%) e o milho (3,71%), que eram as culturas mais

importantes em termos de área cultivada (quadro 1). Em 1987/89, os índices mais expressivos eram da pastagem (77,78%), do algodão (4,48%), do milho (4,02%), do café (3,73%) e da cana (3,46%) que se constituíram nas principais culturas em ocupação do solo (quadro 2). Desses inúmeros infere-se que a pastagem cresceu em termos relativos enquanto que as demais culturas retrocederam, fato observado apenas nesta região e na de São José do Rio Preto. Outro fato é o avanço percentual da cana para indústria numa região onde anteriormente a cultura era inexpressiva.

Quanto à participação da área regional na estadual de cada cultura, em 1970/72 os percentuais de maior expressão eram do amendoim (50,94%), da mamona (41,02%), do algodão (19,95%), do tomate rasteiro (16,42%), da pastagem (14,72%), do café (14,33%), de cana para forragem (10,48%), do feijão (9,85%), da mandioca (7,18%) e do milho (5,80%) (quadro 3). No triênio 1987/89, tem-se a mamona (72,54%), o algodão (31,21%), o tomate rasteiro (21,50%), a pastagem (16,48%), o amendoim (14,90%), o feijão (12,56%), o café (10,33%), a cana para forragem (8,86%), o trigo (7,22%), o milho (6,18%), a mandioca (4,61%), a soja (3,97%) e a cana para indústria (3,54%) (quadro 4). A mamona é uma cultura em queda, enquanto que o amendoim cresce nas áreas de renovação de canaviais e decresce como cultura isolada. É expressiva a área regional de tomate rasteiro e algodão.

Quanto à variação total o realce é a grande incorporação de área feita pela cultura da cana para indústria (11.411,18%), transformada de cultura praticamente inexistente em importante atividade regional. Tiveram altos índices de incremento de área a soja (5.270,84%) e o trigo (2.941,78%), casos semelhantes ao da cana para indústria. A seguir tem-se o tomate envarado (113,78%) e o feijão (101,78%) com ganhos expressivos de área.

Perdas tiveram a banana (95,41%), o amendoim (94,77%), a uva comum (80,45%), a mandioca (73,82%), a cebola (70,90%), a mamona (58,89%), o arroz (57,95%), o café (29,78%), o algodão (25,84%) e o tomate rasteiro (24,84%), culturas que, à excessão do café, também apresentaram índices semelhantes ou maiores em termos estaduais (quadro 5). Desse modo, a produção da região de Presidente Prudente está fortemente associada à pecuária, com uma produção mais diversificada na zona da Alta Paulista. As limitações de solo e clima dificultam a adoção de alternativas na região.

4 - MUDANÇAS A NÍVEL DE TODO O ESTADO SOB A ÓTICA DAS CULTURAS

Analisando as transformações a nível do Estado de São Paulo, as principais culturas em termos de ocupação de área agrícola em 1970/72 eram: a pastagem (64,53%), o milho (8,44%), o café (4,28%), o reflorestamento (4,22%), a cana para indústria (3,95%), o algodão (3,50%), o arroz (3,06%) e o amendoim (2,63%) (quadro 1). Após quase duas décadas, em 1987/89, as atividades percentualmente com maior expressão se constituíam na pastagem (55,21%), cana para indústria (11,43%), o milho (7,62%), o reflorestamento (5,49%), a laranja (4,33%), o café (4,22%) a soja (2,90%) e o feijão (2,30%) (quadro 2). Houve avanço da cana para indústria, da laranja, do reflorestamento, da soja e do feijão, com recuo da pastagem, do milho, do arroz e do amendoim e a manutenção do posicionamento do café.

A variação total mostra o maior crescimento do trigo (700,66%), da soja (465,24%), da laranja (255,74%), da cana para indústria (185,81%), do feijão (58,17%) e da banana (55,27%). Por outro lado, apresentaram queda o amendoim (-82,13%), a mamona (-76,75%), a uva para indústria (-73,99%), a mandioca (-59,22%), o

algodão (-52,60%), o arroz (-51,49%), e a uva fina (-36,37%). Os avanços se deram com nítida especialização regional como o do trigo no Vale do Parana-panema, o do feijão em Sorocaba, o da laranja em Ribeirão Preto, Campinas e São José do Rio Preto, o da cana para indústria em todo Oeste além de Ribeirão Preto e Campinas e o da banana no Vale do Ribeira. No seu todo a área agrícola paulista praticamente se manteve, sendo 1,21% menor no final da década de oitenta em relação à década de setenta no seu início (quadro 5).

Quanto a participação da área agrícola regional na estadual, em 1970/72, a região de Ribeirão Preto (15,93%) tinha o maior percentual, seguida de Sorocaba (14,33%), Presidente Prudente (13,18%), São José do Rio Preto (12,49%), Araçatuba (9,88%), Campinas (9,82%), Marília (8,45%), Bauru (7,08%), Vale do Paraíba (5,81%) e Litoral (3,03%), em ordem de importância (quadro 3). Passadas praticamente duas décadas, em 1987/89, Ribeirão Preto (17,51%) elevou sua participação, sendo seguida de Sorocaba (13,51%), São José do Rio Preto (12,57%), Presidente Prudente (11,70%), Campinas (10,11%), Marília (9,38%), Araçatuba (9,32%), Bauru (7,57%), Vale do Paraíba (5,38%) e Litoral (2,95%) (quadro 4).

Quando é visualizada a variação total das áreas agrícolas regionais, nota-se o incremento em Marília (9,70%), Ribeirão Preto (8,59%), Bauru (5,66%) e Campinas (1,70%), e decréscimos em Presidente Prudente (-12,31%), Vale do Paraíba (-8,64%), Sorocaba (-6,86%), Araçatuba (-6,75%), Litoral (-3,57%) e praticamente a manutenção em São José do Rio Preto (-0,61%) (quadro 5). Pode-se então determinar onde se deu o processo de mudança, pois as regiões mais dinâmicas, localizadas no eixo Campinas - Ribeirão Preto que bifurcou no sentido centro-oeste atingindo Bauru/Marília, correspondem àquelas em que a agricultura é praticada com recursos tecnológicos mais modernos e optando por especiali-

zarem-se em culturas vinculadas a complexos de transformação como o trigo, a soja, a laranja e a cana-de-açúcar; inclusive mantendo posição destacada em outras atividades e portanto uma agricultura diversificada. Por outro lado, na região mais a Oeste (Presidente Prudente, Araçatuba e mesmo São José do Rio Preto) a intensificação do uso do solo não se deu com a área agrícola regredindo e mantendo a produção de alta participação da pastagem. O Vale do Paraíba que passa por um processo intenso de urbanização, o que também ocorre em certa medida em zonas de Sorocaba, também diminuiu sua área agrícola. A pecuária valeparaibana mantém sua expressão em termos de área de pastagem, reforçada pela forte base leiteira regional. Já no Litoral Paulista, as condições de solo, a utilização turística e reservas ambientais, limitam a área agrícola disponível, impedindo o avanço da agricultura.

Avaliando-se os dados a partir da ótica das culturas e cruzando as informações de diversas regiões, pode-se fazer algumas inferências. O arroz em 1970/72 era mais plantado em São José do Rio Preto (33,67%), Ribeirão Preto (23,20%), Sorocaba (9,04%), Marília (8,37%) e Araçatuba (5,94%) (quadro 3). Essa cultura decresceu sua área em todas as regiões, exceto no Vale do Paraíba onde cresceu 7,89%, fundamentalmente em função do cultivo irrigado. Em outras regiões apresentou drásticas reduções de área como em Marília (-64,75%), São José do Rio Preto (-62,07%), Araçatuba (-57,95%), Presidente Prudente (-57,95%), Ribeirão Preto (-53,75%), Bauru (-48,81%), Litoral (-45,73%), Sorocaba (-33,27%) e Campinas (-25,94%), fato literalmente associado ao declínio do cultivo de sequeiro pelo alto risco que apresenta sendo substituído por outras culturas em praticamente todo o Estado, razão da queda de 51,49% na área estadual com a cultura (quadro 5). Assim, em razão da queda da área com arroz, a participação em termos de área culti-

vada se alterou, sendo as principais regiões rizícolas em 1987/89: São José do Rio Preto (26,33%), Ribeirão Preto (22,12%), Campinas (12,51%), Sorocaba (12,43%) e o Vale do Paraíba (7,51%) (quadro 4).

O feijão em 1970/72 era cultivado principalmente em Sorocaba (39,68%), Marília (18,70%), Presidente Prudente (9,85%), Ribeirão Preto (7,93%), Campinas (7,16%) e São José do Rio Preto (6,36%) (quadro 3). Em função de avanços e recuos na variação total da área plantada essa participação se alterou. Entre os dois triênios (1970/72 a 1987/89) a área com feijão cresceu em Araçatuba (423,75%), Vale do Paraíba (192,07%), Sorocaba (116,64%), Presidente Prudente (101,78%), Campinas (35,53%), Litoral (25,69%) e Ribeirão Preto (16,06); e apresentou decréscimos em Marília (-68,20%), Bauru (-31,97%) e São José do Rio Preto (-8,27%). No balanço final das duas décadas a área de feijão cresceu 58,17% no Estado de São Paulo (quadro 5). Nesse contexto, a participação regional na área cultivada com feijão no final da década de oitenta (1987/89) era: Sorocaba (54,35%), Presidente Prudente (12,56%), Campinas (6,14%), Araçatuba (5,88%) e Ribeirão Preto (5,82%), que se constituíram nas principais regiões produtoras (quadro 4).

O milho aparece em todas as regiões do Estado de São Paulo e em 1970/72 as áreas mais expressivas estavam em: Ribeirão Preto (22,75%), São José do Rio Preto (19,70%), Sorocaba (18,59%), Marília (9,57%) e Campinas (8,69%) (quadro 3). Ao década de oitenta, no seu conjunto, a área do milho se reduziu na maioria das regiões: São José do Rio Preto (-26,48%), Marília (-26,33%), Campinas (-22,24%), Sorocaba (-20,10%), Vale do Paraíba (-114,91%), Bauru (-9,06%), Ribeirão Preto e Presidente Prudente (-4,90%). Comportamento oposto apresentaram Araçatuba, importante pela sua pecuária, onde a área de milho cresceu 47,75% e o Litoral cujo

plântio da cultura foi 111,05% maior no final da década de oitenta. Em termos estaduais a área de milho reduziu-se em 10,76% no período (quadro 5). Assim, no final da década de oitenta as principais regiões no cultivo do milho eram: Ribeirão Preto (24,07%), Sorocaba (16,64%), São José do Rio Preto (16,23%), Araçatuba (8,74%), Marília (7,90%), Campinas (7,57%), Presidente Prudente (6,18%), Bauru (5,74%) e Litoral (5,24%) (quadro 4).

O trigo em 1970/72 concentrava sua área em Marília (84,14%), Sorocaba (12,31%) e Presidente Prudente (1,90%) (quadro 3). A superação de obstáculos tecnológicos permitiu avanços expressivos da área tritícola em várias regiões onde a cultura praticamente inexistia, tanto que a cultura apresentou o maior índice de crescimento absoluto de área em termos estaduais (700,66%) no período (1970/72 a 1987/89). Dentre as regiões destacam-se os incrementos de área em Campinas (6.438,01%), Presidente Prudente (2.941,78%), Araçatuba (1.274,99%), Sorocaba (742,45%) e Marília (609,12%), tendo queda apenas no Vale do Paraíba (-57,30%), região onde a cultura não tem importância estadual (quadro 5). A participação regional alterou-se pouco mantendo-se em 1987/89 a esmagadora maioria da triticultura em Marília (74,52%), Sorocaba (12,95%), Presidente Prudente (7,22%) e em Campinas (3,76%) (quadro 4).

O amendoim em 1970/72 tinha sua área concentrada em Presidente Prudente (50,94%), Marília (23,41%), Ribeirão Preto (8,99%), Araçatuba (7,60%) e São José do Rio Preto (6,26%) (quadro 3). O amendoim é uma cultura em franca decadência; em termos estaduais, ela perdeu 82,13% de sua área entre o início da década de setenta e o final da de oitenta. Essa performance se reproduziu em todas as regiões do Estado, como Presidente Prudente (-94,77%), Araçatuba (-78,90%), São José do Rio Preto (-78,78%), Marília (-74,82%), Bauru (-72,38%), Campinas (-67,10%), Ribeirão

rão Preto (-38,09%) e Sorocaba (-15,93%), todas apresentando quedas na área (quadro 5). Em função desse fato as principais regiões de cultivo passaram a ser: Marília (32,98%), onde predomina o cultivo solteiro, Ribeirão Preto (31,14%), nas áreas de renovação da soqueira de cana para indústria, além de Presidente Prudente (14,90%), Araçatuba (8,98%) e São José do Rio Preto (7,43%) (quadro 4).

A mamona em 1970/72 tinha como principais regiões de plantio: Presidente Prudente (41,02%), Ribeirão Preto (17,21%), Bauru (13,99%), São José do Rio Preto (12,21%), Marília (10,33%) e Araçatuba (5,23%) (quadro 3). Contudo, a mamona é uma cultura que também entrou em processo de franca decadência em São Paulo, perdendo 76,75% de sua área cultivada total do Estado e apresentando decréscimos na totalidade das regiões: Marília (-96,54%), Ribeirão Preto (-94,44%), São José do Rio Preto (-88,96%), Araçatuba (-86,32%), Bauru (-78,52%) e Presidente Prudente (-58,89%) (quadro 5). Em 1987/89, os cultivos remanescentes estavam nas regiões de Presidente Prudente (72,54%), Bauru (12,93%), São José do Rio Preto (5,80%), Ribeirão Preto (4,11%), Araçatuba (3,08%) e Marília (1,54%) (quadro 4).

No início da década de setenta, triênio 1970/72, a soja tinha 81,43% de sua área na região de Ribeirão Preto, distribuindo-se o restante por Marília (8,48%), Campinas (3,66%), Sorocaba (2,65%) e São José do Rio Preto (2,34%) (quadro 3). A partir dessa data a sojicultura apresentou notável avanço em termos de área em todas as regiões e com isso no total do Estado o incremento foi de 465,24% entre 1970/72 e 1987/89, valor esse somente superado pelo trigo. No tocante às regiões destacam-se Presidente Prudente (5.270,84%), Marília (1.996,93%), Araçatuba (1.965,50%), São José do Rio Preto (822,53%), Campinas (667,35%), Sorocaba (512,42%), Ribeirão Preto (255,86%) e Bauru (140,89%), superando o obstáculo do

fotoperiodismo com variedades menos sensíveis ao comprimento do dia e ocupando terras do Oeste Paulista (quadro 5). No triênio 1987/89, as principais áreas de soja estavam em Ribeirão Preto (51,27%), Marília (31,48%) e Campinas (4,97%); sendo que no Vale do Paranapanema, de Marília, a expansão esteve fundamentalmente associada ao binômio trigo/soja (quadro 4).

A batata em 1970/72 tinha sua área concentrada em Sorocaba (35,45%), Campinas (32,10%), Litoral (19,00%), Vale do Paraíba (4,92%) e Ribeirão Preto (4,65%) (quadro 3). Em termos estaduais a batata retrocedeu 25,51% na sua área cultivada no período em análise e dentre as regiões agrícolas só cresceu no Vale do Paraíba (44,38%), tendo apresentado decréscimos em todas as demais: Marília (-69,78%), Ribeirão Preto (-7,10%), Bauru (-55,17%), Litoral (-42,89%), Campinas (-33,81%) e Sorocaba (-9,01%) (quadro 5). Em razão desse comportamento, em 1987/89 as principais áreas de bataticultura localizavam-se em: Sorocaba (43,30%), Campinas (28,53%), Litoral (14,57%) e Vale do Paraíba (9,54%) (quadro 4).

A cebola em 1970/72 concentra seu plantio em Sorocaba (53,59%), Campinas (25,72%), Ribeirão Preto (9,89%) e Litoral (6,62%) (quadro 3). A área estadual da cebola apresentou crescimento de 31,41% no total das décadas consideradas. Dentre as regiões decresceu no Litoral (-93,19%), Marília (-86,79%) e Vale do Paraíba (-84,16%), mas avançou significativamente em Araçatuba (3.631,96%), Ribeirão Preto (59,16%), Sorocaba (39,52%) e Campinas (13,01%) (quadro 5). Fruto dessas mudanças a área cultivada com cebola no triênio 1987/89 estava localizada em Sorocaba (56,89%), Campinas (22,12%), Ribeirão Preto (11,98%) e Araçatuba (7,57%) (quadro 4).

O tomate envarado, em 1970/72, era plantado em Sorocaba (49,61%), Campinas (22,49%), Litoral (12,54%), Ribeirão Preto (8,25%) e Vale do Pa-

raíba (3,33%) (quadro 3). A cultura do tomate envarado teve um avanço discreto em termos estaduais no período compreendido entre 1970/72 e 1987/89, crescendo 3,66% apenas. No entanto, houve uma grande modificação no bojo das regiões sendo que apresentaram decréscimos absolutos de área: Marília (-80,72%), Litoral (-53,66%), Ribeirão Preto (-50,99%), Vale do Paraíba (-39,75%), Araçatuba (-35,42%), Sorocaba (-19,0%), Bauru (-12,56%) enquanto que aumentaram as áreas da cultura de tomate envarado em São José do Rio Preto (1.732,74%), Presidente Prudente (113,78%) e Campinas (98,91%) (quadro 5). Em razão desse comportamento as principais regiões tomateiras em termos de área cultivada em 1987/89 eram: Campinas (43,16%), Sorocaba (38,74%), Litoral (5,60%), São José do Rio Preto (4,51%) e Ribeirão Preto (3,90%) (quadro 4).

A banana em 1970/72 era uma típica cultura regional com o Litoral representando 83,11% da área cultivada estadual, seguido de Sorocaba (5,09%) que eram as regiões onde a atividade era mais expressiva (quadro 3). Esse comportamento foi reforçado no período posterior ao triênio 1970/72, pois até o final da década de oitenta apesar de ter aumentado a sua área em termos estaduais em 55,27% a cultura perdeu terreno em praticamente todas as regiões: Araçatuba (-97,56%), Bauru (-97,11%), Presidente Prudente (-95,41%), Ribeirão Preto (-94,89%), Marília (-93,09%), São José do Rio Preto (-87,03%), Vale do Paraíba (-58,83%) e Campinas (-24,73%). São exceções à essa regra exatamente as regiões em que se concentrava o plantio, sendo que estas aumentaram significativamente suas áreas de banana: Litoral (75,66%) e Sorocaba (28,86%) (quadro 5). Por isso, em 1987/89, um percentual de 94,02% dos cultivos de banana estavam localizadas no Litoral e 4,22% em Sorocaba (quadro 3).

O plantio de uva comum, que também tem seu comportamento, semelhan

te às culturas precedentes, estava em 1970/72 concentrado no Litoral (72,34%), Campinas (17,45%) e Sorocaba (9,30%) (quadro 3). Em termos de variação de área, decresceu 9,37% em todo Estado de São Paulo, tendo também decrescido em Presidente Prudente (-80,45%) e Litoral (-19,04%) e apresentando crescimento em Sorocaba (17,49%) e Campinas (20,20%) (quadro 5). Assim a distribuição regional do cultivo em 1987/89 destacava o Litoral (64,61%), Campinas (23,14%) e Sorocaba (12,05%) como as principais zonas produtoras (quadro 4).

A uva fina em 1970/72 concentrava seu plantio no Litoral (57,65%), Sorocaba (23,37%), Campinas (9,38%) e Marília (4,35%) (quadro 3). A cultura perdeu 36,37% da sua área estadual nas décadas de setenta e oitenta. Apresentou decréscimos em Campinas (-70,92%), Litoral (-69,36%) e em Marília onde reduziu-se à inexpressividade em termos de área. Por outro lado cresceu sua área no Vale do Paraíba (74,19%), Sorocaba (47,77%), em Presidente Prudente (6,41%) e em São José do Rio Preto onde de inexpressiva passou a ter alguma relevância (quadro 5). No triênio 1987/89, o plantio de uva fina estava localizado em Sorocaba (54,27%), Litoral (27,76%), Vale do Paraíba (7,81%), Campinas (4,29%) e Presidente Prudente (4,00%) (quadro 4).

A uva para indústria é outra típica cultura de plantio regionalizado. Em 1970/72, 72,04% de sua área cultivada se localizava em Sorocaba e outros 27,10% no Litoral (quadro 3). A cultura retrocedeu sua área estadual em 73,99% no período compreendido entre 1970/72 e 1987/89; tendo mostrado quedas em todas as regiões: Litoral (-79,24%), Sorocaba (-72,22%) e Campinas (-56,25%) (quadro 5). Assim ficou mantida em 1987/89 o elenco de regiões produtoras destacando-se Sorocaba (76,92%) e Litoral (21,62%) como as principais (quadro 4).

A cultura do algodão em 1970/72 estava concentrada em São José

do Rio Preto (25,70%), Presidente Prudente (19,95%), Ribeirão Preto (16,66%), Araçatuba (15,28%), Campinas (11,42%), Marília (4,43%), Sorocaba (4,29%) e Bauru (2,28%) (quadro 3). A cotonicultura é outra atividade que recuou em termos de área cultivada em todo Estado de São Paulo, tendo queda de 52,60% entre o início da década de setenta e o final da de oitenta. Todas as regiões tiveram idêntica tendência: Sorocaba (-76,70%), São José do Rio Preto (-66,71%), Araçatuba (-64,92%), Bauru (-62,98%), Marília (-60,58%), Ribeirão Preto (-50,74%), Campinas (-39,58%) e Presidente Prudente (-25,84%) (quadro 5). Em razão dessas mudanças, em 1987/89, as principais regiões quanto à participação na área estadual de algodão eram: Presidente Prudente (31,21%), São José do Rio Preto (18,05%), Ribeirão Preto (17,31%), Campinas (14,55%) e Araçatuba (11,31%) (quadro 4).

O tomate rasteiro, como matéria-prima para processamento agroindustrial, em 1970/72 concentrava sua área cultivada em Ribeirão Preto (30,89%), São José do Rio Preto (29,72%), Presidente Prudente (16,42%), Araçatuba (12,25%), Marília (6,37%) e Bauru (4,34%) (quadro 3). O tomate rasteiro apresentou queda na sua área de 42,57% em termos estaduais, sendo que todas as regiões, excetuando-se Araçatuba onde a plantação cresceu 44,54%, tiveram decréscimos na área de tomate industrial: Marília (-84,45%), Bauru (-72,42%), São José do Rio Preto (-64,65%), Ribeirão Preto (53,49%) e Presidente Prudente (-24,84%) (quadro 5). Assim alterou-se o perfil da participação regional na área estadual, sendo que em 1987/89 as principais regiões de cultivo eram: Araçatuba (30,84%), Ribeirão Preto (25,02%), Presidente Prudente (21,50%), e São José do Rio Preto (18,30%) (quadro 4).

A cana para forragem, destinada principalmente à alimentação animal, tem sua produção bem distribuída por todo o Estado de São Paulo. Em

1970/72 as principais áreas em termos de participação regional eram: Ribeirão Preto (19,31%), Campinas (13,53%), Vale do Paraíba (13,49%), São José do Rio Preto (12,00%), Presidente Prudente (10,48%), Sorocaba (8,68%), Marília (7,94%), Bauru (7,32%), Araçatuba (4,47%) e Litoral (2,76%) (quadro 3). A área de cana para forragem no Estado de São Paulo apresentou pequeno crescimento (3,01%) entre os triênios extremos das décadas de setenta e oitenta. Contudo, nas regiões, as variações não foram homogêneas em relação à tendência. A área de cana para forragem caiu em Araçatuba (-21,03%), Presidente Prudente (-12,87%), Campinas (-11,05%), Sorocaba (-4,62%) e praticamente se manteve em São José do Rio Preto (-1,78%), Bauru (-1,04%) e Ribeirão Preto (0,54%). Ocorreu crescimento em Marília (35,24%), Vale do Paraíba (32,54%) e Litoral (6,92%) (quadro 5).

O limão em 1970/72 tinha como principais regiões de cultivo: Ribeirão Preto (37,42%), Campinas (17,21%), Litoral (13,72%), Sorocaba (9,99%) e São José do Rio Preto (9,63%) (quadro 3). Como as demais plantas cítricas, o limão expandiu a sua área estadual entre o início da década de setenta e o final da década de oitenta (137,77%). Excetuando-se o Vale do Paraíba (-58,77%) e o Litoral (-19,22%) que apresentaram recuo no plantio de limão, a área da cultura cresceu em: São José do Rio Preto (522,27%), Bauru (238,42%), Sorocaba (132,81%), Campinas (130,26%), Ribeirão Preto (122,35%), Presidente Prudente (67,16%), Araçatuba (57,50%) e Marília (25,13%) (quadro 5). Assim, em 1987/89, as principais regiões de plantio eram: Ribeirão Preto (35,00%), São José do Rio Preto (25,20%), Campinas (16,67%), Sorocaba (9,78%), Litoral (4,66%) e Bauru (4,15%) (quadro 4).

A laranja, principal fruta cítrica tanto para consumo in natura como para fabricação de suco tinha, em 1970/72, como as mais importantes regiões de plantio: Ribeirão Preto

(44,20%), Campinas (32,94%) e São José do Rio Preto (14,32%) (quadro 3). Em termos estaduais a área de laranja cresceu 255,74% do início da década de setenta para o final da década de oitenta. Dentre as regiões, a laranja perdeu área apenas em Marília (-56,65%) e Vale do Paraíba (-48,23%), tendo aumentado sua extensão cultivada nas regiões de São José do Rio Preto (599,17%), Ribeirão Preto (245,33%), Bauru (206,42%), Campinas (166,21%), Sorocaba (139,31%), Araçatuba (86,07%) e Presidente Prudente (4,15%) cujo crescimento inexpressivo se deve a que o plantio estava proibido por problemas fitossanitários (quadro 5). Em razão dessas mudanças, em 1987/89, os principais laranjais se localizavam em: Ribeirão Preto (42,91%), São José do Rio Preto (28,15%) e Campinas (24,65%) (quadro 4).

As tangerinas em 1970/72 tinham como principais zonas de plantio as regiões de Campinas (28,08%), Ribeirão Preto (16,92%), Litoral (14,54%), Marília (13,53%) e Sorocaba (10,24%) (quadro 3). No período de duas décadas a cultura evoluiu 20,29% em termos de área plantada, sendo que decresceu nas regiões de Araçatuba (-85,52%), São José do Rio Preto (-40,73%), Marília (-25,58%) e Vale do Paraíba (-21,79%), enquanto que em Campinas (57,31%), Sorocaba (53,62%), Presidente Prudente (52,71%), Ribeirão Preto (21,72%), Litoral (13,90%) e Bauru (5,92%) houve crescimento da área (quadro 5). Assim, em 1987/89, as principais regiões de plantio de tangerinas eram: Campinas (36,72%), Ribeirão Preto (17,12%), Litoral (13,76%), Sorocaba (13,08%) e Marília (8,37%) (quadro 4).

O café em 1970/72 ocupava as regiões de São José do Rio Preto (25,34%), Marília (18,25%), Presidente Prudente (14,33%), Bauru (11,67%), Ribeirão Preto (10,33%), Campinas (7,46%), Sorocaba (6,35%) e Araçatuba (4,93%) (quadro 3). No entanto, grandes mudanças ocorreram nas décadas de setenta e oitenta com o café perdendo

área no Oeste Paulista em recuos expressivos em Presidente Prudente (-29,78%), Araçatuba (-29,61%), Marília (-22,18%), São José do Rio Preto (-21,72%), além de Sorocaba (-39,09%) e Litoral (-7,45%). Nesse período a área de café se manteve nos mesmos patamares em Bauru e cresceu nas antigas zonas de produção com avanços expressivos em Campinas (88,11%), Ribeirão Preto (84,04%) e Vale do Paraíba (41,04%) (quadro 5). Por essa razão, em 1987/89, o café tinha o plantio concentrado nas regiões de São José do Rio Preto (20,35%), Ribeirão Preto (19,51%), Marília (14,57%), Campinas (14,39%), Bauru (11,98%), Presidente Prudente (10,33%) e Sorocaba (3,97%) (quadro 4).

A cana para indústria tinha em 1970/72, seu plantio localizado em Campinas (35,83%), Ribeirão Preto (34,46%), Bauru (13,02%), Sorocaba (7,12%), Marília (4,70%) e São José do Rio Preto (3,13%) (quadro 3). A cultura conheceu vertiginoso processo de expansão no Estado de São Paulo (185,81%) e no contexto das regiões avançou na ocupação do Oeste, com incrementos de área em Presidente Prudente (11.411,18%), Araçatuba (2.013,61%), São José do Rio Preto (584,38%), Marília (502,08%), Bauru (200,95%), Ribeirão Preto (191,68%), Sorocaba (82,23%) e Campinas (60,96%), tendo apresentado queda apenas no Vale do Paraíba (-27,21%) (quadro 5). Em razão desse comportamento a composição da participação regional na área estadual da canavicultura destacava em 1987/89: Ribeirão Preto (35,17%), Campinas (20,18%), Bauru (13,71%), Marília (9,91%), São José do Rio Preto (7,49%), Araçatuba (5,28%), Sorocaba (4,54%) e Presidente Prudente (3,54%) (quadro 4).

A mandioca em 1970/72 tinha a maior concentração da área plantada em: Marília (33,25%), Campinas (19,41%), São José do Rio Preto (15,26%), Presidente Prudente (7,18%), Sorocaba (7,00%), Ribeirão Preto (6,95%), Vale do Paraíba (3,92%) e

Araçatuba (3,19%) (quadro 3). A atividade regressou em 59,22% de sua área ocupada em todo o Estado de São Paulo no período 1970/72 a 1987/89, sendo que essa performance se manifestou em todas as regiões agrícolas à exceção de Bauru que apresentou crescimento (44,85%): Araçatuba (-93,63%), São José do Rio Preto (-87,98%), Presidente Prudente (-73,82%), Sorocaba (-68,51%), Ribeirão Preto (-62,95%), Marília (-56,61%), Campinas (-42,46%), Vale do Paraíba (-32,32%) e Litoral (-29,68%) (quadro 5). As principais regiões de cultivo de mandioca em 1987/89 eram: Marília (35,38%), Campinas (27,39%), Vale do Paraíba (6,51%), Ribeirão Preto (6,32%), Sorocaba (5,40%) e Bauru (5,40%) (quadro 4).

Em 1970/72, a pastagem utilizava a grande parte do solo agrícola paulista. Em termos de participação regional na área estadual da atividade destacavam-se: Presidente Prudente (14,72%), Ribeirão Preto (13,93%), Sorocaba (13,76%), Araçatuba (12,63%), São José do Rio Preto (10,80%), Campinas (8,02%), Vale do Paraíba (8,01%), Bauru (7,65%), Marília (7,47%) e Litoral (3,00%) (quadro 3). A utilização de terras para pastagem decresceu 15,47% no Estado de São Paulo, entre o início da década de setenta e o final dos anos de oitenta. Por região, apenas São José do Rio Preto apresentou pequeno avanço (3,42%) na extensão de terra usada com pastagem, havendo queda em Ribeirão Preto (-38,29%), Litoral (-26,95%), Campinas (-25,54%), Sorocaba (-22,06%), Vale do Paraíba (-13,51%), Bauru (-13,15%), Araçatuba (-11,11%), Presidente Prudente (-5,35%) e Marília (-4,42%) (quadro 5). A queda na área de pastagem foi maior nas regiões mais próximas da capital e menor no Oeste Paulista. Em razão disso, em 1987/89, as principais regiões quanto à participação na área estadual de pastagem eram: Presidente Prudente (16,48%), Araçatuba (13,29%), São José do Rio Preto (13,21%), Sorocaba (12,68%), Ribeirão Preto (10,17%), Marília (8,45%), Vale do

Paraíba (8,19%), Bauru (7,86%), Campinas (7,07%) e Litoral (2,59%) (quadro 4).

O reflorestamento, em 1970/72, tinha a maior parcela de sua área nas regiões de Sorocaba (48,24%), Campinas (16,63%), Ribeirão Preto (8,76%), Litoral (8,73%) e Bauru (6,32%) (quadro 3). A área regional da atividade mostrou decréscimo em Campinas (-13,85%) e nas regiões do Oeste Paulista: São José do Rio Preto (-29,40%), Marília (-8,40%), Presidente Prudente (-5,72%) e Araçatuba (-1,91%). No entanto em função do crescimento apresentado em Ribeirão Preto (100,37%), Bauru (78,15%), Vale do Paraíba (64,77%), Litoral (33,27%) e Sorocaba (23,38%), a área estadual cresceu 28,49% (quadro 5). As principais regiões com área de reflorestamento no triênio 1987-89 eram: Sorocaba (46,32%), Ribeirão Preto (13,65%), Campinas (11,15%), Litoral (9,06%), Bauru (8,76%) e Vale do Paraíba (7,29%) (quadro 4). É pequena a expressão do reflorestamento no Oeste do Estado de São Paulo, região mais carente de áreas florestais no contexto estadual, em função das características de seus solos.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A distribuição espacial das culturas no Estado de São Paulo sofreu mudanças significativas nos últimos vinte anos. Um traço comum a todas as regiões é a participação da pastagem, isoladamente a atividade que mais ocupa terras em qualquer região. No entanto, nas regiões onde é corrente o processo de intensificação do uso do solo, a pastagem perde área, embora mantenha-se majoritária. Esse é o caso de Ribeirão Preto onde atinge a menor participação na área agrícola regional (32,07%). No Oeste Paulista a pastagem mantém e às vezes até aumenta a sua expressividade.

A performance dessas duas

décadas permite também identificar uma tendência importante, qual seja, as regiões com uso mais intensivo do solo e que se constituem nas mais dinâmicas são aquelas em que ocorreram expansões da área agrícola, e regiões do Oeste onde predomina o uso mais extensivo do solo apresentaram diminuição da área agrícola. Esse também é o caso do Vale do Paraíba: nessa região, o impacto do processo de urbanização foi certamente mais decisivo.

A especialização regional é outra característica importante. A banana e o chá no Litoral Paulista, o arroz irrigado no Vale do Paraíba, o feijão no Sudoeste da região de Sorocaba, a laranja em Campinas, Ribeirão Preto e Rio Preto, a cana para indústria em Campinas, Ribeirão Preto, Bauru e Oeste Paulista; muitos são exemplos de culturas que se tornaram monoculturas em várias regiões. A especialização é um traço característico do avanço da agricultura paulista e mesmo em regiões de produção diversificada no global, como Ribeirão Preto, os citrus ocupam uma faixa específica e diferente da cana para indústria que por sua vez não ocupa a mesma área de produção de soja e grãos, da pecuária ou do café.

No âmbito das culturas tem-se aquelas cujo processo de decadência é visível como a mamona, o amendoim, a uva para indústria, a mandioca e o arroz de sequeiro e outras cujo avanço apresenta-se dentro de um ritmo extremamente dinâmico como o trigo, a soja, a cana para indústria e os citrus. No conjunto das culturas que avançam em ritmo menos acelerado tem-se o café, o chá, o reflorestamento, o feijão e a cebola. Desse bloco denota-se que culturas não associadas a um complexo de transformação só têm se mantido em regiões de produção especializada como o feijão, caso contrário perdem áreas como o arroz de sequeiro. Ao mesmo tempo, os avanços mais expressivos se deram nos complexos citrícola, produtor de óleos vegetais, de farinhas e sucroalcooleiro, frutos do dinamismo

do setor de indústrias de transformação.